

## COMUNICAÇÕES

### PREVENÇÃO NA INFÂNCIA: A ESCOLA \*

Geraldina Porto Witter \*\*

#### RESUMO

É necessário implantar e desenvolver nas escolas brasileiras programas de prevenção conduzidos dentro dos parâmetros da ciência. O ponto de partida deve ser uma programação para reduzir ou anular a escola como geradora de problemas comportamentais. Deve também abranger problemas originados fora da escola.

Os papéis da escola na prevenção de quaisquer dos vários tipos de problemas de comportamento estão por merecer um maior cuidado por parte dos vários profissionais que nela atuam ou que aí deveriam também estar atuando. Neste último caso podem ser lembradas algumas ausências lamentáveis, não apenas a nível de prevenção como da própria concretização dos objetivos mínimos da escola. Entre elas basta lembrar o psicólogo escolar, o fonoaudiólogo educacional, o bibliotecário escolar, a assistente social, a enfermeira educacional. Com essas ausências a escola já está hoje limitada nas suas possibilidades de oferecer ao aluno tudo aquilo que deveria dar-lhe, no nível em que deveria fazê-lo. Assim, suas possibilidades de uma prevenção eficiente, em profundidade e abrangência, já estão limitadas, de saída, pelas limitações e restrições existentes no seu corpo técnico-administrativo.

Um trabalho de prevenção a partir da escola poderia ser altamente eficiente e viável pelas próprias características dessa instituição, por congregar um contingente expressivo, quando

(\*) Parte deste trabalho foi apresentado no IV Encontro da Região de Campinas

(\*\*) Profa. Depto. de Pós-Graduação em Psicologia Clínica — PUCCAMP.

não majoritário da população infantil, pela possibilidade de contato com as famílias, levando até elas educação para prevenção não apenas dos aspectos da saúde física, mas também do comportamento.

Mas a realidade com que se defronta quem percorre as escolas, especialmente as públicas, em busca de um esforço de prevenção é estarrecedora e por vezes desanimadora. Como prevenir sem dispor de pessoal competente para planejamento e implementação de programas completos de prevenção? Isto só seria possível com uma equipe interdisciplinar competente. Uma equipe interdisciplinar atuando na escola poderia conduzir um trabalho de prevenção de alto nível e capaz de abranger as múltiplas necessidades de crescimento e de desenvolvimento da criança. Ela não existe. O corpo técnico-administrativo que atua no cotidiano da escola é composto por docentes de várias disciplinas, mas prevalece como eventuais programadores da prevenção os profissionais formados em Pedagogia, quer como administradores, quer com orientadores, quer com supervisores. As disputas pela área de trabalho, sobre o que é ou não competência de cada um, a luta por um poder inexpressivo, os entraves burocráticos, a burocratização sufocam o saber e tornam o fazer rotineiro e desvinculado das propostas feitas nos discursos. Não se abre espaço para outros profissionais, conduz-se a ação de forma precária, ineficiente e inadequada por não se compartilhar do conhecimento e da experiência de outras áreas. Quando a escola conta com a assistência odontológica, o que vai se tornando percentualmente raro, ela é remediativa e precária. Certamente desestimulante para o profissional que, via de regra, permanece à margem da equipe da escola. O médico é figura ausente, ou visita ocasional, por vezes um sanitarista, cuidando dos problemas de vacinação ou similares. Ele também é um estranho, não se cogita de que deveria integrar a equipe em um trabalho contínuo, mais amplo e diversificado. No caso do psicólogo escolar, a situação não é muito melhor. Na rede oficial ele continua distante, segregado em departamentos, serviços e similares, exercendo ainda um papel predominantemente clínico, o que há mais de 25 anos vem sendo duramente criticado na literatura. Seus outros papéis permanecem ignorados pelos que estão na escola e são responsáveis por ela. Ocasionalmente faz parte do trabalho de triagem, seleção e composição de classes comuns ou para excepcionais. Não é membro integrante, efetivo e constante da equipe da escola. Na rede privada, quando ele está presente, em algumas ocasiões sua situação é pouco melhor,

mas via de regra é ainda o modelo clínico — remediativo e não uma ação preventiva que marca seu trabalho.

Nestas circunstâncias, a primeira barreira para uma programação de prevenção na escola está na ausência de equipe multidisciplinar competente para seu planejamento e execução. Enquanto não estiverem disponíveis esses recursos humanos, atuando de forma integrada e complementando uns a ação dos outros, tendo por meta o educando integral, só restam os esforços esparsos, na maioria das vezes descontínuos e fragmentados.

Olhando mais especificamente o que é a escola e a perspectiva de prevenção que ela oferece, alguns outros aspectos precisam ser levantados.

Veja-se uma sala de aula em que a professora agride verbalmente as crianças chamando-as de "burras, sujas, idiotas, trombadinhas", entre outras coisas inconvenientes; distribui alguns safanões; passa longos períodos a reclamar dos próprios problemas ou a conversar com a colega da sala ao lado, ou ainda com a merendeira; recorre a tecnologias de ensino superadas, inadequadas e não recomendadas por quaisquer teorias de aprendizagem ou de ensino; põe em uso materiais de ensino em descompasso com o discurso lingüístico, com o mundo cultural da criança; usa um dialeto que não corresponde ao de seu aluno; o que esperar? Se a isto forem acrescentadas as inadequações do ambiente físico em termos ergonômicos, bem como do ambiente sócio-psicológico, o que se pode inferir? A escola é, ela própria, uma grande geradora de problemas de comportamento e outros que preocupam os que cuidam de viabilizar a prevenção. Ela discrimina, pune, estabelece auto-imagens negativas, forma e difunde imagens sociais inadequadas de crianças com problemas físicos e comportamentais; em suma, é um forte pacote de variáveis determinando padrões inadequados de comportamento na criança quer na escola, quer fora dela.

Nessas circunstâncias, o primeiro trabalho de prevenção a ser realizado na escola deve ser em relação a ela própria como geradora de problemas comportamentais, como eliminadora de respostas criativas, como punidora contumaz do diferente, como ditadora inflexível de comportamentos, como cerceadora do autocontrole e das estratégias de contra-condicionamento, gerando conformismo, submissão e outros comportamentos a que ela própria nega valor ou valoriza negativamente em nível de discurso.

Mudanças fundamentais se fazem necessárias na escola em nível de prevenção. Elas incluem o currículo como um todo, desde as relações professor-aluno, até aos aspectos físicos da escola, passando pelos materiais, meios, tecnologias e conteúdos programáticos da escola. Pedem uma ampla e profunda revisão dos seus objetivos no que tange ao aluno, à instituição e à sociedade.

O primeiro passo é, portanto, reduzir o potencial da escola como geradora e/ou intensificadora dos problemas que se pretende prevenir na infância. Agir desta forma é prevenir uma série de problemas.

Todavia, há problemas que requerem a prevenção e que não são gerados pela escola, os quais, ainda que ela se reformule e cuide para não intensificá-los, continuarão a requerer medidas preventivas. São problemas decorrentes da estrutura sócio-econômica e política, das condições sociais e psicológicas reinantes nos lares de seus alunos, de peculiaridades dos mesmos. Nestes casos, a equipe da escola deve cuidar para que, através de programas preventivos, a escola contribua para reduzir sua ocorrência. Programas de orientação e de atendimento aos pais podem evitar problemas na e fora da escola no que diz respeito ao comportamento dos alunos. Através de uma melhor e mais ampla integração com a comunidade podem ser prevenidos problemas e buscadas soluções para os existentes. Retirar as barreiras físicas da escola reduz a probabilidade de problemas para crianças com deficiências físicas e facilita sua integração social. A inserção de imagens realistas de crianças com deficiências físicas ou problemas comportamentais nos livros didáticos pode facilitar seu ajustamento e inclusão no fluxo da escolaridade comum. Estes são uns poucos exemplos de como a escola pode atuar, mesmo dentro da sua precariedade atual, tornando-se um elemento ativo na prevenção. Muitos outros exemplos poderiam ser lembrados. Não se pretende aqui fazer um rol exaustivo do que é ou poderia ser feito. Os exemplos são apenas elementos para a reflexão. Embora a própria escola possa ser uma geradora de problemas comportamentais e físicos ela também pode atuar de forma a reduzi-los e a preveni-los, quer sejam eles resultantes de sua ação, quer de fora da instituição.

Quanto mais cedo se introduzem mecanismos de prevenção, maior a probabilidade de êxito. Estando correta esta

assertiva, é nas escolas maternas e na pré-escola que muito se deveria investir em termos de prevenção. Isto implica em oferecer a cada criança as condições ótimas para seu desenvolvimento físico e psicológico, bem como proceder de modo a reduzir ou remediar eventuais limitações que aí sejam detectadas, desenvolvendo aspectos específicos que evitem possíveis dificuldades no futuro. Assim, se a criança apresenta sérias limitações de visão, deve ser treinada em locomoção, em expressão facial, no uso diferenciado dos outros órgãos do sentido e na utilização do que lhe resta ( se for o caso ) de visão, entre outros repertórios que aumentarão a probabilidade de integração social e realização acadêmica adequadas. Caso a criança venha de um lar onde as estimulações para o desenvolvimento cognitivo são escassas, a escola não apenas deve providenciá-las, como dar orientação aos pais para que o possam fazer dentro de suas próprias possibilidades sócio-econômicas e culturais.

A natureza, a forma, a amplitude dos programas de prevenção devem variar de acordo com o nível de desenvolvimento, com o tipo de clientela e com a comunidade em que a escola está inserida. O conteúdo dos mesmos também é necessariamente afetado por esses variáveis. Todavia, nas condições atuais da sociedade, alguns problemas se tornaram tão frequentes, que cuidar da prevenção dos mesmos possivelmente mereça ser uma constante em várias séries da escola, abrangendo toda a infância. Evidentemente, para cada nível de escolaridade estratégias diferentes serão desencadeadas, objetivos distintos serão estabelecidos, mas alguma programação deve ser concretizada. Neste caso, incluem-se os problemas envolvendo a agressão à criança, a violência na sociedade, a utilização de tóxicos. Alguns problemas atingem mais a população de certas escolas do que de outras, como é o caso do abuso sexual e da prostituição precoce em escolas de periferia. Então, programas preventivos específicos deverão ser concretizados.

Olhando para a prevenção dos problemas que dizem respeito à própria escola, é preciso atuar de modo a prevenir dificuldades de aprendizagem e de relações humanas na escola, especialmente entre professor-aluno. A pré-escola deve desenvolver o repertório necessário para prevenir um eventual fracasso na alfabetização; na primeira série, devem ser cuidados repertórios que garantam êxito e evitem a evasão escolar nesta e nas séries subsequentes. Assim, sucessivamente, em cada série, além da programação acadêmica e preventiva de eventuais problemas na própria série, é preciso programar para que nos anos seguintes não

venha aumentada a probabilidade de ocorrência de comportamentos indesejáveis, aquém do necessário para o sujeito ter êxito. Em outras palavras, os programas de prevenção visando aos comportamentos mais diretamente ligados à escola devem ser uma preocupação freqüente para a equipe de profissionais da escola.

Em síntese, é necessário refletir, discutir e implementar alguma ação para que efetivamente, nas escolas brasileiras, se torne uma constante a concretização de programas de prevenção cuja eficiência seja cientificamente comprovada; portanto, que sejam conduzidos dentro dos parâmetros da metodologia científica, sendo a postura de profissional-pesquisador bastante recomendável neste contexto. O êxito dessa prevenção está diretamente relacionado com a competência dos profissionais que compõem a equipe da escola, devendo a mesma ser enriquecida com a inclusão de outros profissionais que raramente têm tido oportunidade para integrá-la. Essa equipe deve ser multidisciplinar. O ponto de partida deve ser uma ampla programação capaz de anular ou, pelo menos, reduzir a atuação da escola como geradora de problemas a serem prevenidos. Essa programação deve ser feita a partir das escolas maternas e pré-escolas e prosseguir em todas as demais séries como uma constante. A programação também deve ter por alvo a prevenção de problemas gerados fora da escola, quer interfiram ou não diretamente com a vida acadêmica. Finalmente deve focalizar a prevenção de problemas específicos da própria escola ao longo do continuum da vida escolar.

## ABSTRACT

### THE PREVENTION IN THE CHILDHOOD: THE SCHOOL

*At schools it is necessary to introduce and to develop programs of prevention conducted taking in consideration the science parameters.*

*The start point must be one programming act in order to reduce or to abolish the school as a behavior problem generator. It must also to enclose problems that rised out of school.*